

## **Reflexões sobre as Origens da Tipologia Hoteleira Balneária Carioca na Década de 1920**

Maria Helena da Fonseca Hermes \*

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo apresentar caminhos da tipologia hoteleira balneária projetada na cidade carioca segundo os moldes europeus, ressaltando sua importância na construção de outro cenário urbano do início do século XX. Ao observar o promissor viés litorâneo nas vésperas do Centenário da Independência em 1922, confirmado na construção de hotéis balneários como um diferencial do planejamento urbano e da valorização político-administrativa, dando início à composição de novo imaginário e na identificação da cidade desde então até a atualidade.

tipologia hotel balneário, arquitetura eclética de tendência clássica, Exposição Internacional do Centenário da Independência de 1922

### **ABSTRACT**

This paper is related to the introduction of the architectural hotel balneary typology in Rio de Janeiro city, by European standards, during the construction of a new scenery for the city by the 1920`s decade. This important leitmotif is consequence of the city`s improvements for the International Exhibition for the Independence Centenary in 1922, as a new parameter of planning and proposal for a new focus and began the new imaginary of the balneary that even today still identifies the city.

balneary hotel typology, eclectic architecture, classical trend, International Centenary Independence Exhibition 1922

Para explicitar a introdução da tipologia balneária hoteleira na cidade carioca e ressaltar sua importância na construção do cenário urbano do início do século XX, aos moldes europeus, podemos afirmar que o novo cenário urbano da cidade em seu viés litorâneo é a origem simbólica do imaginário que ainda hoje identifica a cidade em suas referências turísticas de lazer - litorâneo e “balneário”. Vamos estender nosso olhar a esta questão por meio da construção de uma obra da Prefeitura de Carlos Sampaio em 1922, para o Hotel Sete de Setembro no Flamengo (Il.1).

---

\* **Doutorando** Instituição: PPGAV/EBA UFRJ



IL. 1. Hotel Sete de Setembro tomada a partir do Morro da Viúva, Malta. Fonte: FMIS, 2006.

O complexo do Hotel Sete de Setembro foi construído em 1922, na gestão de Carlos Sampaio <sup>1</sup> e Eptácio Pessoa, no afã das obras destinadas à Exposição Internacional do Centenário da Independência. Este investimento, muito singular, por ter sido implementado diretamente com recursos da Prefeitura, mesmo pertencendo a um segmento tradicionalmente explorado pela “indústria particular”, se justificava sob alegação de estar destinado a abrigar os “visitantes ilustres” <sup>2</sup> do certame, utilizando uma localização privilegiada onde foram criados terrenos à beira mar, decorrentes da abertura da Avenida do Contorno, em torno do Morro da Viúva (IL. 2).



IL. 2. O Morro da Viúva e as construções da Avenida do Contorno e Hotel Sete de Setembro, 1922.

Fonte: Rio de Janeiro Imagens da Aviação Naval 1916 – 1923.

Localizado entre os bairros do Flamengo e Botafogo, na avenida logo depois denominada Rui Barbosa, como o é até nossos dias, os prédios do antigo complexo arquitetônico do Hotel Sete de Setembro, embora hoje afastados da beira-mar desde a construção do Aterro do Flamengo, ainda descortinam panorama espetacular em frente à baía de Guanabara e ao Pão de Açúcar (IL. 3.). A implantação privilegiada, valorizada no relatório

<sup>1</sup> Carlos Cesar de Oliveira Sampaio (1861-1930) nasceu em Lisboa e veio morar no Brasil ainda criança, formou-se em 1860 em Engenharia pela Escola Politécnica, de onde foi professor. Empreiteiro de diversas obras de porte no Brasil, assumiu a Prefeitura do Rio de Janeiro de 1920 a 1922.

<sup>2</sup> HERMES, Maria Helena e FERRAZ, João. *Projeto de Restauração e Uso do Hotel Sete de Setembro*. Rio de Janeiro: 1999. p. 32.

do seu tombamento pelo órgão de tutela estadual na década de 80<sup>3</sup> até com mais ênfase que a própria qualidade de seus espaços, arquitetura ou bens integrados, revela certa distância, naquele momento, dos estudos e revisões sobre a revalorização crítica de uma significativa produção arquitetônica do período do Ecletismo na Europa.



IL. 3. O Hotel Sete de Setembro, 1922. Malta. Fonte: FMIS

No histórico de sua construção, por conta dos recursos públicos ali aplicados, uma curiosidade interessante a ser revelada é que, tanto o Hotel quanto a Avenida do Contorno foram construídos com recursos provenientes da verba destinada ao desmonte do Morro do Castelo, obtida por meio de empréstimos do Brasil no exterior. Ambas foram consideradas obras complementares ao desmonte nos relatórios da Prefeitura, por conta de ter sido da pedreira do Morro da Viúva, talhada a explosivos, o material utilizado no enrocamento e contenção do aterro da esplanada do Castelo, transportado por barcos desde o Flamengo até o centro da cidade.

A construção do Hotel na avenida recém aberta na pedreira, sobre parte dos prédios das oficinas de Antonio Jannuzzi, conhecido construtor e arquiteto na cidade, gerou muitas discussões acaloradas a respeito, não apenas com relação aos montantes pagos para a desapropriação dos imóveis, como os valores pagos pela construção do próprio Hotel, vetado pelo Conselho Municipal. Estas questões acirraram disputas entre o Prefeito e o Legislativo<sup>4</sup>.

Mas esse complexo hoteleiro não se revelou um monumento tão interessante apenas pelas circunstâncias de sua construção, mas, sobretudo, pela possibilidade de extrair de suas permanências um algo mais com que brindarmos a nossa antiga capital.

Era de nosso conhecimento, quando do desenvolvimento do projeto básico de arquitetura aprovado pelo Inepac em 1997, o relato da existência da construção de cabines de

---

<sup>3</sup> CAMPOFIORITO, Ítalo. *Parecer sobre o tombamento dos imóveis da Casa do Estudante Universitário e da Escola Politécnica*. In: SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Instituto Estadual do Patrimônio Cultural. Departamento Histórico e Artístico. *Processo E-03 11357/83, Memo N°7/DPHA/83*, 19 abril 1983.

<sup>4</sup> HERMES, Maria Helena da Fonseca. *O Hotel Sete de Setembro e a arquitetura balneária do ecletismo tardio no Rio de Janeiro*. PPGAV/EBA/UFRJ (Dissertação de Mestrado em História e Teoria da Arte) Rio de Janeiro, 2007

banho sob o leito da Avenida do Contorno, para uso do Hotel <sup>5</sup>, provavelmente destruídas quando da construção do trecho fronteiro aos prédios, durante as obras do aterro do Flamengo.

Quando da época da ocupação de dois prédios do antigo Hotel pelo Internato da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN/UFRJ) entre 1926 e 1975, sabe-se que tais cabines eram usadas pelas alunas. Foi possível, durante as pesquisas encontrar uma imagem de alunas nas rampas de descida aos banhos de mar<sup>6</sup>, assim como há menção de alunas do Internato que dali se aventuravam a nadar na baía.

Mas, ainda não se havia investigado as influências que os prédios do Hotel teriam recebido por inspiração de determinada tipologia. Assim, na pesquisa para desvendar se o monumento era, de fato, um hotel balneário e o que constituía a tipologia balneária no imaginário do Rio de Janeiro da década de 20, foi necessário buscar construções que apresentassem o padrão formal e artístico inspirador para o monumento carioca. Para tanto, foi recortado da *Côte D’Azur* francesa, em torno de *Cannes*, alguns exemplares que contém os elementos e as definições de programa de necessidades capazes de dar conta da comparação pretendida.

A comparação da arquitetura do Sete de Setembro com outros hotéis datados do último quartel do século XIX e do início do XX localizados naquele trecho da costa mediterrânea francesa estabeleceu indubitavelmente a origem da tipologia empregada e nas representações ornamentais mais significativas observadas no exemplar carioca.

A designação de *Côte*, na França, surgiu numa inspiração jornalística usada num panfleto turístico para definir e enaltecer o conjunto formado pela sucessão de pequenas localidades balneárias numa região determinada. Se nossa orla litorânea já urbanizada não mereceu uma denominação específica na época, ao menos se beneficiou da criação de um “invólucro” valorizando o viés turístico e “higienista”, com a implantação de áreas ajardinadas, avenidas, praças e, também, de hotéis balneários.

Pensados como equipamentos necessários à atração de turistas e visitantes na cidade, dentro do espírito da modernização atrelado aos parâmetros dos grandes centros europeus, os hotéis balneários, além de inscritos na voga do conforto e do luxo das elites, ainda permitiriam aos cariocas uma desejada diferenciação e destaque em relação à Buenos Aires. Esta suposição se suporta nos comentários e insinuações da velada rivalidade entre o Rio de

---

<sup>5</sup> REIS, Engo. José de Oliveira. Rio de Janeiro e seus Prefeitos evolução urbanística da cidade. Rio de Janeiro: prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1977.

<sup>6</sup> COELHO, Cecília Pecego. A Escola de Enfermagem Anna Nery Sua História Nossas Memórias. Rio de Janeiro: Editora Cultura Médica, 1985.

Janeiro com aquela cidade, mais europeizada que a carioca e, portanto, mais “moderna” às vésperas de nossa festa da Independência. Alguns artigos da imprensa brasileira lembravam a pompa os ruidosos festejos das comemorações do centenário da independência argentino, ocorrido em 1912.

Usando o motivo do Centenário como a perfeita justificativa para os investimentos na cidade, um recurso político que se repete exaustivamente no mundo até nossos dias, a consolidação de uma nova espacialização na cidade e a vetorização sul, aponta a ampliação e uma acentuada diversificação dos tipos de espaços para convivência, lazer, conveniência, cultura e política cariocas e de sua elite (e brasileira, levando-se em conta a questão das influências e repercussões das novidades na cidade capital). As exigências e inovações passaram a demandas constantes da rede hoteleira da cidade, inclusive na convergência e concentração de interesses no segmento de serviços, de luxo e com requinte na disputa pelos visitantes, em especial os que viriam à capital para as festas do Centenário, em 1922.

Mesmo considerando a remoção da população e residências simples das áreas que começavam a se valorizar, os investimentos na urbanização litorânea da cidade, simultaneamente, permitiram que diferentes segmentos da população da cidade voltassem a se cruzar nestes novos espaços constituídos, fosse à fruição descompromissada das novas áreas, mais prazerosas<sup>7</sup> e até numa nova modalidade de prestação de pequenos serviços, como os vendedores de flores<sup>8</sup>.

A hotelaria de luxo carioca precisava ser incrementada, para atrair hóspedes e visitantes para a nova cidade que se estava tentando criar. Os hotéis mais famosos e melhor aparelhados eram voltados para o centro da cidade e ligados exclusivamente ao lado comercial e diurno da Av. Central. Focavam o centro de negócios, à exceção de dois ou três deles, menores, como o Hotel Central no Flamengo e o Hotel dos Estrangeiros, em Botafogo.

Dotar a cidade carioca de outra perspectiva, mais diferenciada e mais leve, com infraestrutura urbana compatível com os grandes centros desenvolvidos do mundo europeu e, simultaneamente, voltando o olhar para um litoral lindo, urbanizado, salubre, ventilado e higiênico, significava associar negócios e comércio ao lazer e veraneio, tônica do planejamento e diferencial na cotação internacional da cidade. Assim, apesar de todos os desconfortos gerados pelo movimento das obras na preparação da cidade para o Centenário, a

---

<sup>7</sup> PEREIRA, Sonia Gomes. A Reforma Urbana de Pereira Passos e a Construção da Identidade Carioca. Rio de Janeiro: Série Dissertação e Teses, PPGAV EBA, 1998. p 226.

<sup>8</sup> PIMENTEL, Gilberto Figueiredo. O Binóculo. Gazeta de Notícias, 18 janeiro 1910.p. 4.

cidade, ondulada e feminina, permanecia envolvente na inspiração e nos devaneios poéticos, merecendo o esforço e sacrifício de seus habitantes, como nos mostra Constalatt:

Só mesmo uma cidade assim, bonita e envolvente como uma mulher apaixonada, é que tem o direito de nos fazer sofrer como estamos sofrendo [...] Os suplícios do calor, da falta d'água, as ameaças constantes de insolação, de loucura e de desespero que a temperatura impiedosa traz consigo, só são aturados numa terra desta, feita de beleza para o nosso amor.[...] Mas abram os olhos, vejam as praias lânguidas nas curvas femininas, olhem as florestas engrinaldando o litoral, fixem as noites estreladas e pensem na mulher que amam!...(Constallat, Benjamin. Paisagem Sentimental).<sup>9</sup>

Os serviços da hotelaria carioca, que ocupavam um modesto posto na escala de importância na vida da cidade com poucos e acanhados investimentos, conheceram um rápido e significativo impulso, integrando-se à vida burguesa e da elite carioca acostumada a frequentar os cafés da Rua do Ouvidor e do centro. Para atender às novas demandas, os hotéis modificaram-se: em qualidade construtiva, dimensões, luxo, acabamentos, diversidade de ambientes, seguindo o modelo e costumes europeus dos novos parâmetros sociais, aptos para receber festas e movimento permanente. Assim, percebemos que a hospedagem de luxo da espetacular e promissora cidade não apenas seguiu os novos conceitos de convívio social, mas foi incentivada a se expandir dentro de um planejamento estratégico do governo, nos âmbitos federal e municipal como um ato planejado, previsto e consolidado segundo planejamento específico num momento determinado. Esta decisão incluiu a concessão de incentivos, autorização e licenças, e dos “favores da lei”. Esses eram, entre outros, os que o Prefeito Carlos Sampaio havia proposto ao Conselho Municipal que autorizasse, “com o fim de animar a construção de grandes hotéis nessa Capital, numa época em que se ia realizar a Exposição”<sup>10</sup>

Datado de julho de 1921, o Projeto 21 autoriza o Prefeito a emitir apólices até a importância de cinco mil contos de réis para emprestar às cinco primeiras pessoas, que se dispusessem a construir grandes hotéis no Distrito Federal. O Conselho Municipal autoriza a emissão de apólices, conforme indicado no artigo 4:

Os hotéis de que cogita a presente lei só poderão ser construídos nas avenidas: Wilson, Beira-mar, Atlântica e do Leblon, devendo as construções ficar inteiramente concluídas, o mais tardar, a 21 de Agosto de 1922, sob penna do vencimento immediato da dívida toda, revertendo o remanescente para a Prefeitura.<sup>11</sup>

Há menções do Hotel Glória (1919 – 1922) ter sido um dos empreendimentos que utilizou tais benefícios para sua construção, mas não se averiguou se estes eram de mesmo

<sup>9</sup> BULHÕES, Antonio. Op. cit., p. 107.

<sup>10</sup> SAMPAIO, Carlos. Idéias e Impressões. A parte architectonica. Typ da S.A. Gazeta da Bolsa: 1929 (artigos publicados no “O Jornal e “Gazeta da Bolsa”) A questão do Jockey Club. p.71.

<sup>11</sup> ANNAES DO CONSELHO MUNICIPAL DISTRICTO FEDERAL DEZEMBRO DE 1922. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Brasil, 1921. p. 292.

tipo dos que Carlos Sampaio teria oferecido a Edmundo Bittencourt, para que este construísse um grande hotel com “acomodações para banhos”<sup>12</sup> em seu terreno em Copacabana. Esse grande hotel seria construído no terreno ao lado da Igrejinha (futuro Cassino Atlântico), utilizando os benefícios previstos na lei. Edmundo Bittencourt não chegou a iniciar tal construção, mas numa carta aberta publicada em 7 de outubro de 1920, afirma ter contratado a planta do hotel a Silvio Riedlinger, que teria executado o projeto para “um hotel com duzentos quartos, com água do mar fria e quente, e em baixo cabines para banhistas.”<sup>13</sup> Bittencourt menciona ter enviado a planta ao Prefeito, para que ele constatasse a beleza do projeto e a ausência de dependências de cassino.<sup>14</sup> A firme disposição de dotar a capital carioca de hotéis de luxo e balneários ao longo de suas praias nos é confirmada, além do Hotel Sete de Setembro, nas construções simultâneas de empreendimentos hoteleiros no privilegiado cenário: o Hotel Balneário Cassino da Urca (1926) e o Copacabana Palace Hotel na av Atlântica, concluído em 1923. O Hotel glória, iniciado em 1919, também concluiu suas obras em 1922. Interessante notar a atualidade do tema da hotelaria balneária quase cem anos depois da construção desses monumentos. Entre 2001 e 2008, três dos hotéis mencionados acima estão sendo revitalizados, restaurados e reestruturados para atender a outras propostas de programas de uso, mantendo sua tipologia singular e características arquitetônicas: o Hotel Sete de Setembro, o Hotel Balneário Cassino da Urca e o Hotel Glória. Essas iniciativas vêm ao encontro da retomada simbólica de parte do encanto e sedução que tais edifícios representam no imaginário da cidade.

Interessantes relatos datados do início do século sobre o costume dos banhos de mar terapêuticos (e curativos), nas casas de banho do centro, dão conta do quanto eram recentes os parâmetros ditados pelas características do hotel balneário, que iremos abordar a seguir. Luiz Edmundo faz menção a um trecho da cidade onde existiam “umas cinco casas de banho: a do Pinto, a do Salvador, a do Provenzano, a da família Saliture e a do Francês”, locais específicos de terapias curativas com prescrição médica, onde era facultado às moças de família frequentar os banhos de mar, mas apenas antes do amanhecer.<sup>15</sup> Também na França do século XIX as estações balneárias se expandiram a partir dos tratamentos terapêuticos e curativos, passando a tratamentos preventivos, para só então se firmarem como pontos turísticos, como

---

<sup>12</sup> ANNAES DO CONSELHO MUNICIPAL DISTRICTO FEDERAL DEZEMBRO DE 1922. Op. cit. p. 319.

<sup>13</sup> ANNAES DO CONSELHO MUNICIPAL DISTRICTO FEDERAL DEZEMBRO DE 1922. Op. cit., p. 319.

<sup>14</sup> HERMES, Maria Helena da Fonseca. O Hotel Sete de Setembro e a arquitetura balneária do eclétismo tardio no Rio de Janeiro. PPGAV/EBA/UFRJ (Dissertação de Mestrado em História e Teoria da Arte) Rio de Janeiro, 2007. p.93.

<sup>15</sup> EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Editora Semente, 2004.

estações de férias, com o conforto da vida moderna burguesa, após a facilitação dos transportes, por navios ou pela construção de ferrovias a vapor.

O cliente usuário do espaço balneário, novo espaço de lazer, carregava consigo as referências culturais de sua cidade de origem acrescidas às suas expectativas, visualizando aquele novo espaço “entre o prolongamento de sua vida de origem e seu antídoto”<sup>16</sup>. No caso das estações de férias francesas denominadas “*villes de villegiature*”, a pretensão era que este novo espaço pudesse preencher o imaginário de seus freqüentadores e por conta disso era importante oferecer todos os meios modernos de conforto, como água quente, banheiros nos quartos, telefones e elevadores, barbeiros e cabeleireiros, salões de festa e de refeições, num certo distanciamento do mundo comercial e estafante da agitada vida de trabalho. As referências tipológicas no sul da França limítrofe com a Ligúria na Itália são fortemente marcadas pelo Ecletismo de tendência clássica na sua arquitetura, com evidentes referências italianas. Concentradas sob a denominação de “*Côte D’Azur*” constituíram o conjunto de interesse para esse recorte. Estas estações balneárias possuíam um fator de atratividade significativa, por exibir localização ideal no Mediterrâneo (que permitia seu uso inverno e verão), a identidade formal desejada (e logo, moderna), além de conjugação de muitas facilidades para o convívio social da elite. A imagem pretendida era de um espaço rico e confortável, com vida social, sem os inconvenientes da pacata vida rural ou dos grandes aglomerados urbanos. Um espaço perfeito para as trocas sociais.

Assim, o grande hotel e o cassino franceses representam o parâmetro da estação balneária, seu destaque e símbolo. O hotel se situa num grande terreno com endereço atrativo e vista para o mar, próximo ou no centro de um endereço comercial e na ligação de vias de comunicação automotivas ou ferroviárias. Seu porte e dimensões comportam uma média de 200 a 400 aposentos<sup>17</sup>. Seu estilo arquitetural palaciano funciona como um signo de identificação social para seus ocupantes. A construção do entorno sedutor destes complexos recria um espaço aristocrático e de ostentação para seus ocupantes.

Os prédios ou complexos podem ser fragmentários na volumetria, mas obedecem a uma estrita lógica organizacional, onde até as aberturas para o exterior variam segundo a função das peças. As estações balneárias marítimas são, por sua natureza, adequadas e

---

<sup>16</sup> TOULIER, Bernard. *L'influence des guides touristiques dans la représentation et la construction de l'espace balneaire (1850-1950)*. Exposé donné dans le cadre du colloque de l'université ParisVII-Diderot, 3-4 décembre 1998., p. 1. Disponível em: <http://www.culture.gouv.fr/culture/inventai/pdf>. Acesso em: junho 2006.

<sup>17</sup> TOULIER, Bernard. *L'architecture des bains de mer: la place de la Bretagne dans le patrimoine français*. Extraits de *L'architecture des bains de mer: un patrimoine marginalisé* in *Revue de l'art*, n° 101, 1993. p. 11. Disponível em: <http://www.culture.gouv.fr/culture/inventai/telechar/bt02.pdf>. Acesso em: junho 2006.



condicionadas pela vista do mar, pelo acesso e pela topografia. Essa constatação explica as peças principais da edificação voltadas para a paisagem e essa questão determina as circulações e a distribuição interna de espaços, em planta baixa. A arquitetura balneária estabelece uma relação privilegiada com o terreno, a paisagem, a insolação e a luz. Por conta dessa morfologia, há sempre aposentos e espaços projetados para favorecer a conjugação do interior ao exterior, como os terraços, as *loggias*, os balcões e belvederes, mirantes e terraços<sup>18</sup>.

Foi a partir da tipologia eclética de tendência clássica na *Côte*, suas representações formais e ornamentais, que foi comparada a arquitetura e a tipologia do Hotel Sete de Setembro no Flamengo, Rio de Janeiro (Il. 4).



IL. 4. Vista do Internato Anna Nery com as cabines de banho, em 1926. Fonte: A Escola de Enfermagem Anna Nery Sua História Nossas Memórias

Sua volumetria compacta e quase linear, mas indubitavelmente horizontalizada, é marcada por um grande número de vãos, simétricos, de aberturas para a paisagem (Il. 4). A presença de um maior número de aberturas nos aposentos frontais do hotel que nos laterais, internos ou de fundos, reafirma a tipologia encontrada em hotéis balneários da *Cote*, que se remetem à paisagem como fonte e indutora da ventilação e de luz para os aposentos. Os usuários não se voltam para os interiores desses prédios, mas contatam dali o exterior e seu entorno. A presença de um mirante solitário ao alto e no centro do corpo do prédio do Hotel destaca a possibilidade dos hóspedes olharem mais longe e adiante na paradisíaca paisagem do Pão de Açúcar (Il. 3). A *loggia* estendida ao longo do prédio do hotel, pouco elevado acima do meio fio e dos passantes, promove uma discreta passagem entre o exterior e os interiores do prédio, entre a luz e a sombra. Todos estes aspectos confirmam que o Sete de Setembro cumpriria a função social projetada, ao destacar a representação social do ver e ser visto em seus balcões, terraços e demais áreas sociais como os dois salões de festas e nos grandes e suntuosos salões do prédio do Restaurante, anexo ao hotel (Il. 5). Suas cabines de banho sob a avenida permitiam um contato dos hóspedes com os atrativos terapêuticos da baía, com águas calmas e sem os perigos do litoral aberto, proporcionando discreta convivência informal e

<sup>18</sup> TOULIER, Bernard. *L'architecture des bains de mer: la place de la Bretagne dans le patrimoine français*. Op. cit., p. 16.

atividade esportiva, como a observação de regatas, muito em voga então. Localizado entre dois bairros nobres, Botafogo e Flamengo, à beira mar e bem construído, parecia ser um projeto moderno e de sucesso garantido



IL. 5. Restaurante do Hotel Sete de Setembro, 1922. Fonte: AGCRJ, 1999.

As imagens do salão do Restaurante, quando parte do complexo hospedava o Internato da Escola de Enfermagem Anna Nery, (Il. 6) são suficientes para verificar que o hotel foi planejado com luxo e requinte. Não bastasse esta confirmação, tanto seu mobiliário quanto sua arquitetura de interiores, os salões decorados com ornamentos classicizantes e representações ornamentais idênticas àquelas dos hotéis franceses, inclusive as riquíssimas escadas torneadas de madeira, demonstram o cuidado no acabamento e o alto padrão de sua arquitetura e construção.

Para confirmar o padrão de conforto e os detalhes indispensáveis à vida moderna de 1922, os aposentos contavam com lavatórios individuais e sanitários comuns em todos os pisos, telefone em todos os quartos, elevador. O prédio dispunha de entrada de banhistas, barbearia e salão de cabeleireiros para senhoras.



IL. 6. Salão do Restaurante, s/data. Fonte: arquivo da EEAN, 1998

Mas o sucesso de tal empreendimento, praticamente garantido pelas características citadas acima, não se confirmou devido a disputas político-administrativas e lamentavelmente o hotel foi inaugurado em julho de 1922 com um chá dançante, e virou palco de disputas entre

o conselho Municipal e a prefeitura, permanecendo fechado e sem uso desde o término da gestão Sampaio até 1924, quando uma parte de seus prédios foi desmembrada do conjunto original. Dois prédios foram cedidos para a criação do Hospital Abrigo Arthur Bernardes (Il. 7), atual IFF – Instituto Fernandes Filgueiras da Fiocruz. Em 1926 os dois prédios fronteiros à avenida foram cedidos para o Internato da Escola de Enfermagem Anna Nery, que ali se instalou mediante as adaptações promovidas pela Fundação Rockefeller, que utilizou como sede parte do prédio do Restaurante. Os dois prédios fronteiros à Avenida Rui Barbosa abrigaram a EEAN até 1973. A seguir foram cedidos para a Casa do Estudante Universitário – CEU, nome pelo qual o conjunto ficou conhecido por seu tombamento estadual (Inepac) e em 1995 a UFRJ voltou à posse do imóvel, que passa, desde 2001, por um projeto de revitalização, restauração e adaptação para novo uso.



IL. 7. Inauguração do Abrigo Hospital Arthur Bernardes, 1924. Fonte: Revista Paratodos